

A QUEBRADA E O MESSIANISMO MATERIALISTA DE RENATO DE ALMEIDA FREITAS JR.

THE QUEBRADA AND THE MATERIALISTIC MESSIANISM OF RENATO DE ALMEIDA JR.

Gabriel Dória Rachwal*

UFPR

Resumo: Provocado pela “medida do impossível”, tomo como objeto a dissertação de mestrado de Renato de Almeida Freitas Jr., com seu messianismo profano, seu passado redivivo e atuante no presente. Tal movimento é digno de Camões, quando este poeta faz o passado de Portugal dar força às atuações presentes, mas agora desde a quebrada. Penso ainda na verdade tropical de Caetano Veloso, que, ouvindo a respeito do sebastianismo de Agostinho da Silva, excitava-se, fascinava-se com a ideia do Quinto Império, pois era uma alternativa a certo tipo de engajamento. O tipo que lhe interessava passava justamente pela radicalidade de uma revolução, impondo-se a partir dela um risco: ou liberdade e soltura ou pragmatismo insuportável. Renato encarna esse dilema, poeta e político, a moeda inteira.

Palavras-chave: poesia; engajamento; revolução.

Abstract: Instigated by the “*medida do impossível*”, I have taken as a subject the master’s dissertation of Renato de Almeida Freitas Jr., with his profane messianism, his revived and presently active past. The move is worthy of Camões, who made the past of Portugal give strength to then present performances, but now from the *quebrada*. I also think of the tropical truth, by Caetano Veloso, who, having heard about Agostinho da Silva’s sebastianism, was excited, fascinated with the idea of the Fifth Empire, because it was an alternative to a certain type of engagement. The type that interested him went through the radicality of a revolution, which entailed a risk: either freedom and release or intolerable. Renato embodies this dilemma, poet and politician, the coin’s both sides.

Keywords: poetry; engagement; revolution.

Agatha Christie foi um dos contatos de Renato de Almeida Freitas Jr.¹ com o Quinto Império.

É o que conta o poeta (neto de jagunço matador) no início da sua dissertação de mestrado, intitulada *Prisões e quebradas: o campo em evidência*². Na sua formação a violência teve

* Doutor em Letras-Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná, atualmente é professor de Literatura Brasileira na mesma Instituição.

¹ Renato de Almeida Freitas Jr., advogado, é mestre em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mantém diálogo estreito com o rap e é um dos organizadores do Sarau Periférico. Nos pleitos eleitorais em que foi candidato utilizou a poesia como meio de expressão.

² Em sua dissertação de mestrado o autor se vale, de forma contudente e necessária, da primeira pessoa do singular para integrar sua história pessoal ao arsenal teórico de que se vale, cuja base são as letras de rap que acompanharam a sua formação.

desde cedo a sua importância reconhecida. Fazia parte das *estratégias de sobrevivência* que se podiam observar no seu círculo social composto de menores infratores.

Enquanto os Racionais Mc's lançavam o “épico álbum *Sobrevivendo no inferno*”, conforme classifica o próprio Renato, a sua família mudava para um bairro em que se via alguma promessa de distanciamento da violência. Esse movimento ainda vai continuar e, em meio a ele, a biblioteca de um dos colégios em que estudou lhe proporcionará contato com Agatha Christie. Conforme relata o poeta:

fiquei absolutamente fascinado, foi meu primeiro livro. Logo depois li todos os livros da autora que existiam na biblioteca do colégio. Adquiri, nessa oportunidade, pela fortuna da vida, um novo capital simbólico, cuja facilidade e prazer me despertaram para um mundo outro, abstrato, imagético, diferente de tudo que tinha vivido ou pensado. Longe e, de certo modo, livre dos *grilhões do imediatismo* (FREITAS JR., p. 15)

Esse novo mundo se ampliará com a aproximação de Renato da Biblioteca Pública do Paraná, através de mais alguns livros da Agatha Christie e horas de estudo em jejum, chegando ao ingresso na universidade e à sua dissertação, podemos completar. A sua história faz parte do campo que é seu objeto de estudo. O imagético e o urgente se juntam. Fome, violência, citações de Bourdieu, Agambem, Mano Brown, Ndee Naldinho, etc.

Na dissertação, ao invés de aceitar a prisão como uma “instituição total”, ou seja, como uma instituição com regras próprias que se encerram em si mesmas, Renato a entende como estabelecendo uma relação de continuidade com a quebrada, essa parte do bairro em contato direto com a violência e o tráfico que assimila um proceder, conceito que ele busca nos raps que toma como referência fundamental para o desenvolvimento do seu trabalho. Tal proceder seria fruto da relação dos indivíduos com as estruturas sociais. No proceder, se manifesta a margem de jogo que o indivíduo tem. Em vez de ser mecanicamente determinado, o indivíduo, no campo, pode (ou tem de) ser criativo, propositivo. É graças a tal possibilidade que aqueles grilhões do imediatismo a que Renato se refere quando conta a sua história não determinam o império tão-somente das urgências da sobrevivência, como seria possível pensar. Na concepção de Renato, as exigências para a criatividade, nesse quadro, porém, são maiores e solicitam estratégias coletivas. É nesse sentido que vem o conceito de proceder. Na relação com a prisão (dentro dela ou na quebrada) se formam modos de se comportar, uma ética em que “malandragem de verdade é viver... / 27 anos contrariando as estatísticas”.

O projeto: manter-se vivo.

Tiro.

Pegue todos os teus anseios políticos e, diante da urna...

Tiro.

Eu vinha pensando numa comunicação. O tropicalismo tal como visto pelo Haquira me interessava. Em seu ensaio “Maio de 1968 ou a medida do impossível”, que integra o volume *Rebeldes e contestadores: 1968 – Brasil, França e Alemanha*, o autor flagra o modo como o movimento tropicalista integra ética e estética de forma radical. Enfrentando o difícil problema

de que o desdobramento da utopia pode ser a revolução ou o pragmatismo insuportável (cf. OSAKABE, 2008).

Somado a isso, eu pensava na verdade tropical do Caetano Veloso, cujo teor passa pelo tipo de relação do cantor com a esquerda. Simboliza essa relação a maneira como ele se refere, em seu livro memorialístico (*Verdade tropical*), a Agostinho da Silva. As ideias do filósofo, às quais ele parece ter tido acesso por terceiros, mais o fascinavam do que convenciam. Do ponto de vista de Caetano, era uma espécie de alternativa encantada ao desencantamento de um discussão esquerdista obsecada com a mais-valia. Era a utopia do Quinto Império que soava bem a Caetano, que traduz as ideias de Agostinho dizendo estarem elas

sempre mirando um horizonte de superação do estágio em que se encontrava o mundo liderado pelo Ocidente (a filosofia alemã, Marx, Freud, os Estados Unidos etc.), nunca deixando parecer que se tratava de uma mera nostalgia do catolicismo medieval português. Ao contrário: sendo ele tradutor de Hoelderlin, e dos gregos, seu amor aos sincretismos afro-lusitanos ou luso-asiáticos (e mesmo afro-asiáticos) não se queria uma negação (ou uma desistência) das conquistas da era norte-europeia, e seu ecumenismo retomava paganismos vários prevenindo uma necessária superação do cristianismo: a era do Filho dará lugar à era do Espírito Santo, com Marx e tecnologia (VELOSO, p. 300-01).

Indo até Agostinho, no outono de 1966 encontro o “Ensaio para uma teoria do Brasil”. Ali está a profecia do Quinto Império associada ao Brasil. Um pouco como um Vieira a fazer a História do Futuro, Agostinho vai notar que Portugal teria assimilado de forma desastrosa o pragmatismo europeu, mas que o Brasil podia corrigir essa rota com as suas humanidade e criatividade. Para caracterizar o gênio brasileiro, o filósofo volta-se para as artes, notando, entre, por um lado, os ciclos arquitetônico do Nordeste e de Minas Gerais e, por outro, do que lhe é atual encontra, em comum, a característica de “se negar à aceitação da realidade exterior e de ver, para lá do real, um mundo, mais estável e mais verdadeiro, de irreal que se trata de pouco a pouco substituir ao mundo dos sentidos comuns” (SILVA, p.309), olhando para a poesia, “no sentido mais amplo”, vê o artista brasileiro como

capaz como nenhum outro de ligar, com um perfeito domínio técnico, expresso pela simplicidade, o sonho e a realidade, traduzindo nos apreensíveis termos do sensível a fantasia que reside nas coisas, revelando pela humildade e a coetânea audácia de sua arte aquela delicada beleza e íntima verdade que tanto se furta a quem vê o Universo apenas sob critérios de utilidade (SILVA, p. 309).

Tal superação do real e do utilitário Agostinho o buscará num brasileiro mais específico. Nessa busca, começará por rechaçar os sulistas de São Paulo e Paraná por serem aqueles que teriam tido o papel de fazer o utilitarismo triunfar por aqui. Separará como reserva de matéria-prima e território para futura ocupação o Mato Grosso e Goiás, vindo a caber a Minas Gerais o papel de “reserva de sonho”, como uma Bela Adormecida, categoria na qual também porá o Nordeste da zona do açúcar. Distinguirá como ponto de apoio para a superação do utilitarismo a parte do Nordeste que lhe parece viva e atuante, conforme ele redige:

O Nordeste que nos aparece vivo e atuante, o que dá a todo Manifesto Regionalista seu abstracto de proclamação e de concitamento, de mobilização, é o outro Nordeste, o Nordeste puro e violento, estóico e místico, ousado e paciente, despidido de ambições e não vivendo nunca o passado, amigo da terra e emigrante nato, o Nordeste do Polígono das Secas, dos quase desertos do Ceará e do Rio Grande, e dos nítidos, ásperos, despídos cimos da Borborema, tão evocadores das paisagens da meseta peninsular. É o Nordeste do homem que, jamais esquecendo o seu sertão, sabe bater-se como ninguém nos urbanismos do Sul e pelo contacto com outros volta destino à terra de que partiu, como um contínuo fermento na massa já predisposta dos seus patrícios (SILVA, p. 318).

Este seria um Nordeste a quem a técnica e o utilitarismo não seduziriam pois “parece que a vocação o mantém, como às vezes acontece com os indivíduos, no regime das vacas magras, como que seguro de que o tempo das vacas gordas seria o menos interessante do sonho. Uma natureza agreste forma rijamente os homens e tão madrastra se lhes mostra, a eles que a adoram, que só um caminho lhes resta: o de ser forte para sobreviver, o de emigrar para vencer” (SILVA, p.309, p. 319).

Conforme Renato formula: “O campo, fertilizado com o sangue de muitas gerações, começa a colher os frutos ético-políticos mais adequados à realidade extrema em que cada erro pode custar a vida” (FREITAS, JR, p. 46, grifo do autor).

O nordestino tal como visto por Agostinho e o morador da quebrada tal como revelado por Renato se unem nos seus caracteres agrestes e, por tal qualidade, são supostamente imunes à aclimação ao projeto utilitarista. Ainda que conviva com sulistas cultivados, essa figura sempre retornará, sempre carregará o seu sertão, esse professor de moral que ensina o valor mais fundo do sonho, um valor que supera as eventuais regalias que se ofereçam.

Essa porra é um campo minado
 Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui,
 Mas, aí, minha área é tudo o que eu tenho
 A minha vida é aqui e eu não preciso sair
 É muito fácil fugir mas eu não vou.
 Não vou trair quem eu fui, quem eu sou
 Eu gosto de onde eu tô e de onde eu vim,
 Ensino da favela foi muito bom pra mim
 Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei, cada lei uma razão
 E eu sempre respeitei qualquer jurisdição, qualquer área,
 Jd. Santo Eduardo, Grajaú, Missionária,
 Funchal, Pedreira e tal, Joaniza
 Eu tento adivinhar o que você mais precisa
 Levantar sua “goma” ou comprar uns “pano”,
 Um advogado pra tirar seu mano
 No dia da visita você diz,
 Que eu vou mandar cigarro pros maluco lá no xis.
 (RACIONAIS MC’S apud FREITAS JR., p. 38)

Como o cacto áspero e intratável do famoso poema de Manuel Bandeira, estamos diante de uma figura resistente que promete não ceder ao utilitarismo e, por isso, ao olhar de Agostinho, pode figurar como potencial construtor do Quinto Império. Lá onde a conquista econômica não foi aceita como realização do sonho, lá onde o valor mais fundo pôde ser preservado, restaria um outro jeito de fazer, um jeito que faz humanidade. Esse jeito é brasileiro e inclui violência, o que me leva à beira de um precipício, talvez?

Renato enfrenta isso com a sua ideia de fazer política com o passado: “Todo passado devolve, portanto, as marcas da injustiça, escravidão, guerras, colonização, extermínio, dor, mas também nos recorda de seus impulsos redentórios, seus desejos postergados, suas lutas inconclusas. Para compreender e reivindicar esse passado deve-se negar o axioma “ordem e progresso”, ler o lugar da dor, do sofrimento, daqueles que caíram no esquecimento ao serem devastados pela tempestade aterradora do progresso” (p. 94). Nesse sentido, Renato chegará ao termo “guerra política”, termo em que pesa a força bruta do termo “guerra”, mas que talvez fosse mais acertado entender como uma força agreste, tendo em vista que os alistados para essa guerra são os mortos que só poderão lutar se alguém fizer a rememoração, que é o que Renato faz no movimento final de sua dissertação. Seu materialismo o levará a postular: “Não há o Messias, nós o somos” (p. 95), que o poeta explica nos seguintes termos: “a nós também foi dada uma parcela fraca de poder messiânico pela história dos oprimidos a fim de redimir o passado. (...) Trata-se de uma relação dialética entre o hoje e o ontem, pela qual o presente dá cognoscibilidade ao passado, e este, quando compreendido, dá a força messiânica necessária para o êxito da luta presente”.

Renato, emigrante, mãe retirante, avô jagunço matador, bacharel, messianismo materialista. Equilíbrio difícil de revolução e pragmatismo. Agreste.

Curitiba, 25 de Outubro de 2018.

Referências

FREITAS JR, Renato de Almeida. **Prisões e quebradas**: o campo em evidência. Dissertação. 2017. 100f (Mestrado em Direito) – Setor de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

OSAKABE, Haquira. 1968 ou a medida do impossível. In: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Org.). **Rebeldes e contestadores**: 1968 – Brasil, França, Alemanha. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

SILVA, Agostinho da. Ensaio para uma teoria do Brasil. In: **Ensaio Sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I**. Lisboa: Âncora, 2000.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997.

RACIONAIS MC’S. **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Recebido em agosto/2019.

Aceito em dezembro/2019.